

Cidades Rabiscadas

Demétrios Galvão

I

libélulas de neon sobrevoam a paisagem fosca
onde o lodo ocre das paredes de idades avançadas
confundem-se com a letargia boêmia que um dia foi colorida.

II

bifurcações temporárias no predicado das cidades:
bricolagem de arquiteturas imigrantes:

interferência na estrutura anciã.

III

a cidade e seu corpo dissolvente:
vértebras metamórficas de uma coluna anônima.

anômalos são seus seres, encharcados de delírios e
dívidas do jogo do bicho nos subúrbios do tempo,
a derramar sua anátema no esgoto-artéria,
poluindo a memória dos Potis.

IV

marco Pólo indeciso diante do semáforo zarolho:

ambigüidade translúcida = caminhos descontínuos,
não-lugares que as “cidades invisíveis” ocultam na sua morfologia.

V

falos erguidos com janelas obliquas
no ventre do labirinto de Dédalo:

a antena, é a espinha do peixe
que transmite a decadência pelas vísceras condutoras de energia.

VI

garranchos transversais de luzes atordoadas:

rabiscos assimétricos no rosto da noite.

VII

pandemônio léxico no arquipélago-parabólico:

ecos polifônicos irradiados pelo
contato poligâmico no magma derretido da multidão.

VIII

chuva de vertigens nos telhados passivos
do admirável mundo novo:

um cinema decadente abre suas pernas.

IX

Nem rio

Nem rua

:

o que me perpassa são pontes

:

Sem vírgulas

Sem pontos

:

ininterruptamente

X

disforme o rosto múltiplo:

mosaico mestiço = Guernica

fluidez na infinidade dos olhos que a medusa traduz em sua guarita.

XI

a apatia verde-cinza

descansa as suas nádegas na calma planície do tédio:

às vezes o tempo veste sua camisa-de-força.

XII

armadilha semiótica na linha do Equador:

caminhos virtuais e reflexo rarefeito:

ratoeira de signos indecifráveis entre uma calçada e outra.

XIII

tempestade de metáforas na estação nômade:

um caleidoscópio de possibilidades desmembrando
o conteúdo geométrico das maquetes.

XIV

cartões-postais com sotaque estrangeiro:

esboço de um desejo invisível:

congelamento do espaço no papel.

XV

anjos de Rilke pedem esmolas
nas calçadas sem destino da decrepita província.

decomposição atroz e vertigens:
abismos no tecido existencial,
buracos negros que guardam um arcano pagão.

XVI

de costas pro mundo:
agora dormir é mais importante.
e esquecer que as chagas estão abertas
como fractais se multiplicando.

XVII

fechar as janelas diante do simulacro e
se derramar pelos diversos andares da cidade
pelo hipertexto de suas entranhas
de suas tripas magnéticas
de sua fauna nervosa e
sua flora deserta em seu rizoma de concreto.

XIII

ruas lineares x o acaso dos dados na diáspora do sólido
::-->:::-->:::4805x~ç.çlmlb](*&*(&iojd`?}`LÇi98::-->:::
:
o lado de dentro e o de fora de uma cartografia implícita.

XIX

buscar uma fenda onde eu possa me esconder
no paradoxo luz/sombra.

um itinerário desconhecido nos bastidores do caos
sob as sobancelhas das janelas.

XX

digerir o desejo das estátuas na dilatação ao sol
de suas reverberações cacofônicas:

– metafísica rural x materialismo urbano –

adivinhar o pretérito implícito no presente.

XXI

uma eternidade de enigmas adormecidos
num bocejo agnóstico da cidade :

– penetrar e atravessar a fronteira –

descobrir o andar submerso que abriga as vontades caçadas.

XXII

imagens roubadas em noites panteístas:
(borboletas presas por alfinetes em mostruários luxuosos)

rasgar a boca da cidade para colocar um piercing novo:

intercessão no pessimismo taciturno da ponte gótica.

XXIII

por que procurar a ferrugem no outro
quando somos a 3ª margem da rua,
a própria beirada (bisetriz) do buraco

– abismo perpendicular –
?

XXIV

as sobras do dia fazem-se
sobrados.
assim como as sombras se
transfiguram.

XXV

coágulo minguado:
absorta avidez sepultada.

porque será que os dragões
não conhecem o paraíso.

XXVI

existem rostos que não vemos
nas pessoas ou em espelhos,
mas que se camuflam junto à tinta das paredes:
simbiose de rugas.